



Disciplina de Mercado

Relatório Anual de Divulgação Pública de
Informação

Data de referência: dezembro de 2015



1.	Nota introdutória	4
2.	Declaração de responsabilidade.....	5
3.	Âmbito de aplicação e políticas de gestão de risco	6
4.	Adequação de capitais	10
5.	Risco de crédito – aspetos gerais.....	12
6.	Risco de crédito – método padrão.....	15
7.	Técnicas de redução do risco de crédito	16
8.	Risco operacional.....	17
9.	Análise de sensibilidade dos requisitos de capital	18
10.	Anexos	19

RELATÓRIO DISCIPLINA DE MERCADO

IDENTIFICAÇÃO DO REPORTE

Denominação do Reporte:	Relatório Disciplina de Mercado
Suporte Regulamentar:	Aviso n.º 11/2014 do Banco de Portugal; Regulamento (UE) 575/2013; Diretiva 2013/36/UE
Periodicidade de Envio:	Anual
Base de Reporte:	Individual
Data de Reporte:	31 de março de 2016
Data de Referência:	31 de dezembro de 2015

IDENTIFICAÇÃO DA INSTITUIÇÃO

Designação da Instituição:	GARVAL - SOCIEDADE DE GARANTIA MÚTUA, S. A.
-----------------------------------	---

1. Nota introdutória

O presente relatório pretende dar informação complementar ao anexo às demonstrações financeiras anuais, sobre as posições e a atividade da Garval – Sociedade de Garantia Mútua, S.A., adiante designada por “Garval”.

Este relatório cuja ótica é predominantemente prudencial decorre do previsto no Aviso n.º 11/2014 do Banco de Portugal; Regulamento (UE) 575/2013; Diretiva 2013/36/UE

O Conselho de Administração da Garval mantém uma preocupação permanente em comunicar com os seus *stakeholders*, pelo que o Relatório de Disciplina de Mercado é tido como uma oportunidade para atingir esse fim, enquadrando-se, assim, nos princípios orientadores da sociedade.

Âmbito do Relatório

A ordem de apresentação da informação é maioritariamente a estipulada no referido Aviso, apresentando-se, sempre que relevante, informação adicional ou mais detalhada.

Na prossecução do objetivo do reporte, este relatório é composto, para além deste, por nove capítulos, cujo conteúdo é o descrito de forma sucinta:

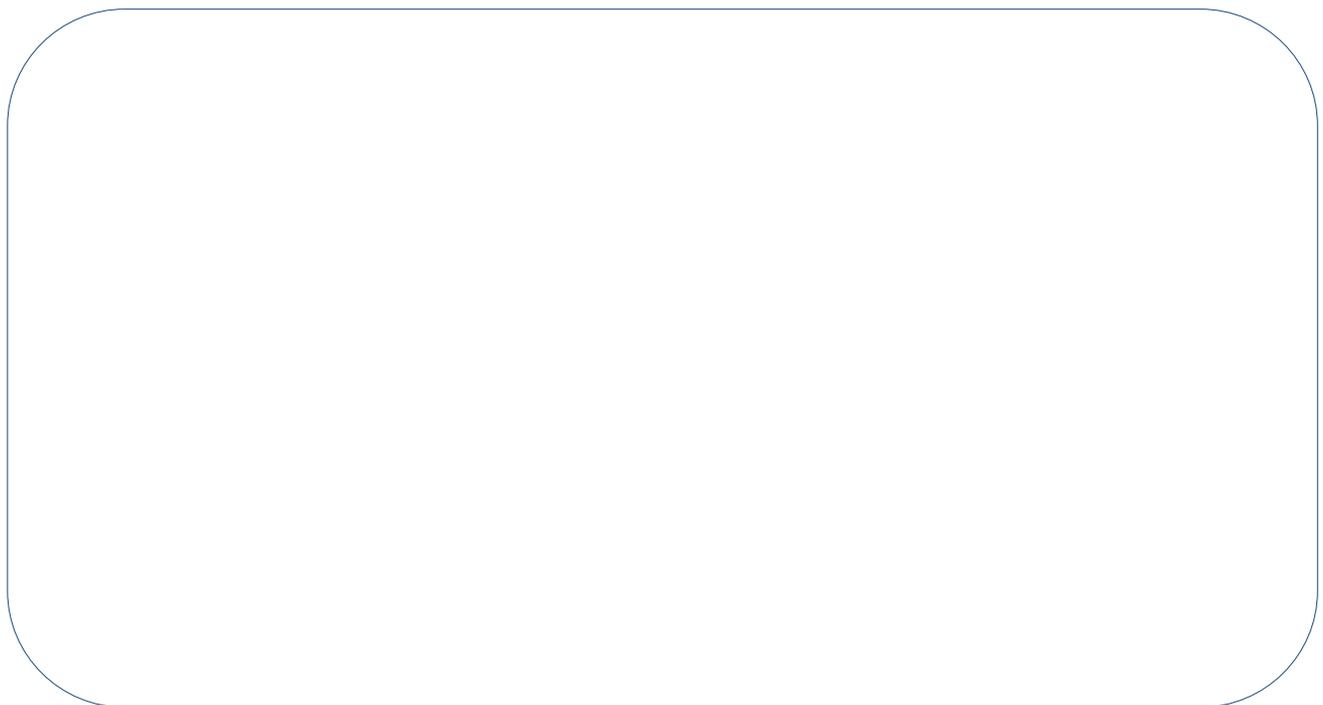
- **Nota introdutória:** âmbito de aplicação do documento;
- **Declaração de responsabilidade:** o Conselho de Administração atesta a qualidade e a veracidade da informação expressa neste documento;
- **Âmbito de aplicação e políticas de gestão de risco:** conforme estabelecido na regulamentação mencionada;
- **Adequação de capitais:** análise das principais componentes de fundos próprios e da adequação do capital económico;
- **Risco de crédito - aspetos gerais:** descrição da estratégia e políticas de gestão do risco de crédito;
- **Risco de crédito – método padrão:** caracterização da carteira de crédito de acordo com os ponderadores de risco que lhe estão associados;
- **Técnicas de redução do risco de crédito:** descrição da estratégia e métodos de mitigação do risco de crédito;
- **Risco operacional:** políticas associadas a riscos que não de crédito e sua forma de controlo;
- **Análise de sensibilidade dos requisitos de capital:** principais conclusões dos testes de esforço realizados à capacidade de solvência da sociedade;
- **Anexos:** informação complementar

2. Declaração de responsabilidade

O Conselho de Administração da Garval – Sociedade de Garantia Mútua, S.A.:

- Certifica que foram desenvolvidos todos os procedimentos considerados necessários e que, tanto quanto é do seu conhecimento, toda a informação divulgada é verdadeira e fidedigna;
- Assegura a qualidade de toda a informação divulgada;
- Compromete-se a divulgar, tempestivamente, quaisquer alterações significativas que ocorram no decorrer do exercício subsequente àquele a que este documento se refere.

Não se verificou a ocorrência de quaisquer eventos relevantes entre o termo do exercício a que este documento se refere e a data da sua publicação.



3. Âmbito de aplicação e políticas de gestão de risco

3.1 Estratégias e processos de gestão de risco

Os princípios orientadores e a estratégia da Garval constituem a salvaguarda da sua solidez financeira, assegurando a conformidade com o enquadramento regulamentar, assim como a identificação, medição e monitorização dos riscos da atividade.

Devido à unicidade do negócio da sociedade, centrada na prestação de garantias, o risco de crédito destaca-se dos demais assumindo uma expressão de maior relevância. O risco de crédito consiste na ocorrência de impactos negativos nos resultados ou no capital, devido à incapacidade de uma contraparte respeitar os seus compromissos financeiros perante a sociedade.

Os princípios orientadores da gestão do risco são compostos pelos elementos de avaliação da área comercial e pela avaliação independente da área de risco de crédito, nomeadamente pela atribuição de *rating* interno, análise económica e financeira, monitorização de indicadores financeiros e sectoriais assim como pelo permanente acompanhamento comercial.

Pretende-se continuar a fazer melhorias na capacidade de avaliação do risco de crédito e reforço do rigor do mesmo, face a situações conjunturais, quer promovendo o acompanhamento proactivo dos clientes, quer com a adequação do quadro de recursos humanos para a prossecução desse objetivo. A sociedade mantém em curso iniciativas que visam melhorar o conhecimento sobre os clientes e operações, reforçando a capacidade de análise e decisão de risco de crédito, nomeadamente pelo robustecimento do seu novo modelo de *rating*.

O risco operacional é, ainda que numa menor escala, um risco considerado como relevante pelo Conselho de Administração consistindo na ocorrência de impactos negativos nos resultados ou no capital, decorrentes de falhas na análise, processamento das operações, de fraudes internas e externas, da atividade ser afetada devido à utilização de recursos em regime de *outsourcing*, da existência de recursos humanos insuficientes ou inadequados ou da inoperacionalidade das infraestruturas. Através de formação neste âmbito, a sociedade pretende manter a estrutura de recursos humanos ajustada e sensibilizada para os possíveis riscos operacionais que possam existir, garantindo assim uma reduzida margem de falhas operacionais.

RELATÓRIO DISCIPLINA DE MERCADO

O risco de liquidez tem merecido, acrescida atenção por parte das próprias entidades e naturalmente dos reguladores com o maior acompanhamento das instituições integrantes do sistema financeiro. Não estando a Garval exposta da mesma forma, em frequência ou severidade, que as instituições bancárias a este tipo de risco, tem uma natural preocupação com a sua salvaguarda. O risco de liquidez, assume-se como a probabilidade de ocorrência de um desfasamento ou descompensação entre os fluxos monetários de pagamentos e de recebimentos, gerando, desse modo, uma incapacidade de cumprimento dos compromissos assumidos. Historicamente a sociedade tem garantido o seu financiamento através de capitais próprios, e procede à aplicação de fundos excedentes em depósitos a prazo com remuneração e capital garantido, sendo o prazo médio de aplicação tendencialmente inferior a um ano. Adicionalmente existe uma política interna de diversificação das entidades recetoras dos depósitos atrás referidos.

3.2 Estrutura organizacional

A gestão do risco constitui uma atividade de elevada importância, para a qual se encontram definidos princípios orientadores, uma estrutura organizativa e sistema de avaliação e monitorização do risco.

A gestão dos riscos relevantes a que a sociedade se encontra exposta é assegurada pelas seguintes unidades e funções com responsabilidades específicas:

- **Conselho de Administração:** define as orientações estratégicas da sociedade e aprova o plano de atividades, garantindo que o mesmo contempla as atividades necessárias para ultrapassar as insuficiências detetadas na gestão dos riscos a que a sociedade está exposta;
- **Comissão Executiva:** acompanha e garante a execução das atividades previstas no âmbito da gestão dos riscos;
- **Direção de Gestão de Riscos e Compliance (coordenada centralmente na SPGM e transversal ao SNGM):**
 - ♦ **Departamento de Gestão de Riscos:** identifica, avalia e controla os diferentes tipos de riscos assumidos, implementando políticas, homogeneizando princípios, conceitos e metodologias do Sistema Nacional de Garantia Mútua (SNGM), desenvolvendo ainda técnicas de avaliação e otimização de capital;
 - ♦ **Departamento de Compliance:** tem como missão assegurar o cumprimento pela sociedade e pelos seus colaboradores das regras legais, estatutárias, regulamentares, éticas e de conduta aplicáveis;

RELATÓRIO DISCIPLINA DE MERCADO

- **Direção de Auditoria Interna (coordenada centralmente na SPGM e transversal ao SNGM):** tem como missão avaliar a adequação e eficácia dos processos de gestão de riscos, e do sistema de controlo interno;
- **Direção de Risco:** concretamente no caso do risco de crédito, analisa a situação económica e financeira das empresas proponentes das garantias, emite pareceres independentes da decisão comercial, sobre as operações de garantia, monitoriza as empresas em situação económico-financeira difícil e quantifica as perdas esperadas.

3.3 Âmbito dos sistemas de informação e medição do risco

A plataforma informática da sociedade, constituída pelos sistemas de informação e pelas infraestruturas físicas, é essencialmente disponibilizada pela Sociedade Portuguesa de Garantia Mútua (SPGM), enquanto prestadora de serviços partilhados desta natureza para todas as Sociedades de Garantia Mútua (SGM). A este nível têm vindo a ser realizados, investimentos relevantes em sistemas e infraestruturas, para dar resposta ao crescimento da atividade e ao respetivo aumento do número de transações, melhorando os sistemas de controlo.

3.4 Políticas de cobertura e redução do risco

A política de cobertura e redução do risco de crédito depende em grande medida da utilização do Fundo de Contragarantia Mútuo (FCGM) e da obtenção de colaterais de crédito dos seus clientes.

As operações de crédito aprovadas pelas SGM caracterizam-se por apresentar uma cobertura mínima de 50% por parte do FCGM. O nível de contragarantia, depende da cobertura estabelecida para as diferentes gavetas do FCGM, e poderá ser ampliada, regra geral até um máximo de 90%.

A sociedade detém, o penhor das ações representativas do seu capital social adquirido pelos mutualistas, como previsto na lei, bem como a condição de *negative pledge* sobre bens da empresa. Para além destas, a sociedade pode solicitar, de acordo com a análise do grau de risco inerente à operação, outras contragarantias, nomeadamente, reais e pessoais.

Para fazer face aos riscos, operacional, de sistemas de informação, de estratégia, reputação e de *compliance*, a sociedade tem vindo a aumentar o investimento na informatização das atividades e a implementar controlos internos com o objectivo de diminuir a ocorrência de eventos associados a este tipo de riscos. Relativamente ao risco de liquidez, a Administração da sociedade, tem seguido uma política de monitorização permanente e uma política de mitigação de risco face a possíveis perturbações no sistema bancário, através da gestão de tesouraria que privilegia aplicações com o

menor risco possível e com elevada liquidez, distribuídos de forma equilibrada por várias instituições bancárias.

3.5 Estratégias e processos de monitorização

O objectivo primordial da estratégia de monitorização dos riscos consiste na identificação antecipada de questões e condições, que possam desencadear problemas de liquidez e solvabilidade.

Os principais processos de monitorização correspondem ao acompanhamento de indicadores de gestão mensais pela Comissão Executiva (por exemplo, acompanhamento da carteira e respetivo nível de sinistralidade, acompanhamento mensal do rácio de solvabilidade), à auto-avaliação da adequação do capital interno (descrito no ponto 4.2), à realização de testes de esforço (descrito no ponto 9), à avaliação da necessidade de reconhecimento de imparidade para fazer face ao risco da carteira de crédito (descrito no ponto 5.2) e à avaliação do sistema de controlo interno.

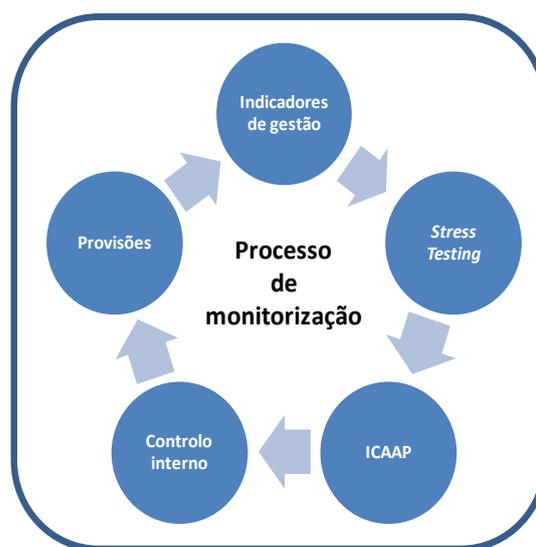


Figura 1 – Processo de monitorização

4. Adequação de capitais

Neste capítulo são caracterizados, os fundos próprios atuais e a sua variação face ao ano anterior, assim como o processo de avaliação de adequação de capital interno.

4.1 Caracterização de fundos próprios

O apuramento dos fundos próprios está regulamentado com as alterações efetuadas desde a sua publicação, no Aviso n.º 12/92¹ do Banco de Portugal, bem como segundo as orientações da Diretiva 36/2013 (CDR IV) e pelo Regulamento (EU) n.º 575/2013 (designado por *Capital Requirements Regulation* ou pelo seu acrónimo, CRR).

Os fundos próprios totais correspondem à soma dos fundos próprios de base, com os fundos próprios complementares e fundos próprios suplementares.

A principal parcela dos fundos próprios da Garval corresponde aos fundos próprios de base, que após deduções corresponde a cerca de 98,4% dos fundos totais, nos quais se incluem fundamentalmente o capital realizado, as reservas legais e estatutárias e os resultados transitados.

Os fundos próprios totais, para efeitos de solvabilidade totalizaram, em dezembro de 2015, cerca de 53,3 milhões de euros, tendo a sociedade mantido os níveis de solvabilidade superiores ao valor mínimo exigido pelo Banco de Portugal (BdP).

A Garval utiliza o método padrão para apuramento dos requisitos de capital regulamentar.

O Capital Regulamentar (entendido como os requisitos de fundos próprios) totalizou em 2015, cerca de 23 milhões de euros, o que corresponde a um acréscimo de cerca de 9.5%

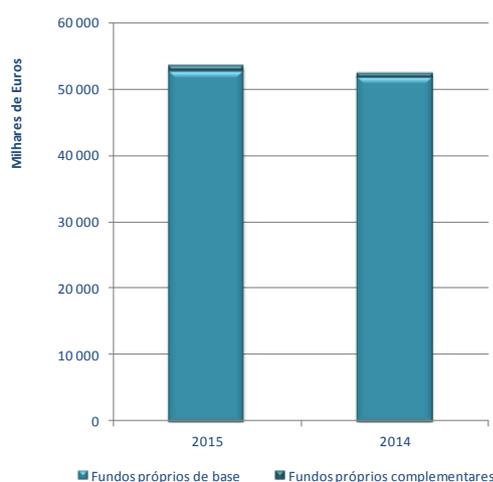


Figura 2 – Composição dos fundos próprios base e complementares

	Risco de Crédito	Risco Operacional	Total
Requisitos de Fundos Próprios	21 676 461 € (94,0%)	1388 458 € (6,0%)	23 064 919 €
Fundos Próprios			53 263 224 €

Figura 3 – Composição dos requisitos de fundos próprios

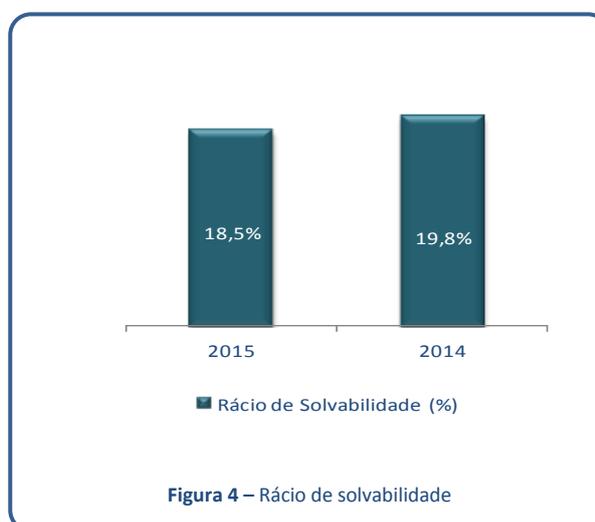
Nota: A informação detalhada consta nos anexos

¹ Atualizado pelo Aviso n.º2/2009

RELATÓRIO DISCIPLINA DE MERCADO

face a dezembro de 2014. O capital regulamentar está afeto em 94% ao risco de crédito e o remanescente ao risco operacional (Figura 3).

Em dezembro de 2015, o rácio de solvabilidade ascendeu a 18,5%, verificando-se um decréscimo face ao período homólogo de 1.3 pontos percentuais, mantendo no entanto os níveis de solvabilidade em patamares adequados. A Garval, à data de referência deste relatório, apresentava um rácio de Capital *Core Tier 1* de 18,2%.



4.2 Auto-avaliação da adequação do capital interno

No sentido de inferir quanto à adequabilidade do capital interno e dar resposta à Instrução n.º 15/2007², denominada “Processo de Auto-avaliação da Adequação do Capital Interno (ICAAP)”, a sociedade procedeu à definição das abordagens para cálculo do capital económico para os riscos considerados materialmente relevantes: crédito, operacional e liquidez.

Com base no levantamento dos riscos materialmente relevantes, a sociedade procede à elaboração dos exercícios de testes de esforço, nos quais a Administração aprova os testes, as magnitudes e respetivos impactos associados às análises de sensibilidade. Para efeito dos testes atrás mencionados a sociedade desenvolveu um modelo interno de previsão. É também com base no modelo referido que é elaborada a análise e definição das metodologias para o apuramento do capital económico, sendo estas igualmente sujeitas a aprovação pela Administração.



Figura 5 – Metodologia ICAAP

² Atualizada pela Instrução n.º 32/2010

A abordagem de cálculo do capital económico integra a realização de testes de esforço, para avaliar a solidez da sociedade perante cenários adversos, mas considerados como plausíveis.

Após o apuramento do capital económico é realizada uma comparação entre o valor apurado e os fundos próprios disponíveis, através da qual são tomadas decisões ao nível da alocação e adequação do capital interno.

O último reporte do ICAAP ao Banco de Portugal foi realizado no final do primeiro trimestre de 2016, com referência a dezembro de 2015.

5. Risco de crédito – aspetos gerais

5.1 Definição de conceitos

Para efeitos contabilísticos, a rubrica crédito e juros vencidos, refere-se a comissões vencidas e execuções de garantias, e o crédito em incumprimento representa o crédito vencido há mais de 30 dias, acrescido do crédito de cobrança duvidosa reclassificado como vencido para efeitos de provisionamento, de acordo com a alínea a) do n.º 1 do n.º 4 do Aviso n.º 3/95³.

Com vista à determinação do crédito objeto de imparidade, a sociedade efetua uma revisão mensal da sua carteira de crédito recorrendo à análise das contas da empresa, à informação de *rating* externo, à existência de incidentes de crédito (internos ou externos) e às informações recolhidas no processo de acompanhamento de empresas. O modelo atual de provisões económicas da Garval segue o disposto no Aviso n.º 3/95³ do Banco de Portugal.

Em conformidade com o previsto nas normas internacionais de contabilidade (IAS 39), o SNGM está a ultimar o seu modelo de cálculo de perdas por imparidade.

5.2 Correções de valor e provisões

A sociedade constitui as seguintes tipologias de provisões: económicas e anti ciclo, para crédito vencido e para riscos gerais de crédito.

As provisões económicas têm como objetivo salvaguardar, por motivos prudenciais, a probabilidade de incumprimento do cliente, refletindo o seu risco específico. As provisões anti ciclo têm também um cariz prudencial, mas, ao contrário das provisões económicas, não estão

³ Atualizada pela Instrução n.º 3/2005

RELATÓRIO DISCIPLINA DE MERCADO

diretamente afetas às operações em concreto pretendendo acautelar o risco não captado especificamente pelo modelo de provisionamento económico.

As provisões para crédito vencido, refletem o provisionamento dos documentos financeiros vencidos e das garantias executadas e pagas, sendo constituídas de acordo com o Aviso n.º 3/95³ do Banco de Portugal.

As provisões para riscos gerais de crédito, tal como definidas no Aviso n.º 3/95⁴ do Banco de Portugal, visam cobrir o risco genérico da carteira correspondendo a 1% do valor da carteira líquida da sociedade.

Em 2015, o crédito vencido totalizou, cerca de 31,9 milhões de euros correspondendo a um rácio de crédito vencido de 5,1% da carteira viva, no final do exercício.

Adicionalmente, e de acordo com a política da sociedade, foram constituídas neste exercício, provisões económicas, que totalizaram no final de 2015 cerca de 11,6 milhões euros, tendo em atenção o risco específico de cada operação.

A sociedade no final do exercício de 2015 detinha em provisões anti ciclo cerca de 4,1 milhões de euros. Estas provisões, tal como as económicas, têm como objetivo salvaguardar, por motivos prudenciais, a probabilidade de incumprimento de garantias, no entanto, e ao contrário das provisões económicas, não estão afetas diretamente às operações em concreto.

5.3. Risco de concentração

A sociedade realiza a gestão de riscos de forma segregada relativamente às unidades de negócio. As políticas de risco e a sua concentração são determinadas pelo Conselho de Administração no âmbito das suas competências sendo a Comissão Executiva o órgão responsável por garantir a sua aplicação dentro da sociedade.

A Instrução n.º 5/2011 do Banco de Portugal define o risco de concentração de crédito como a “exposição ou grupo de exposições em risco com potencial para produzir perdas de tal modo elevadas que coloquem em causa a solvabilidade da instituição ou a capacidade para manter as suas principais operações”. Assim, e em cumprimento do Decreto-Lei n.º 104/2007, de 3 de abril, a sociedade avalia três tipos de risco de concentração de crédito:

- Exposições significativas a uma contraparte individual ou a um grupo de contrapartes

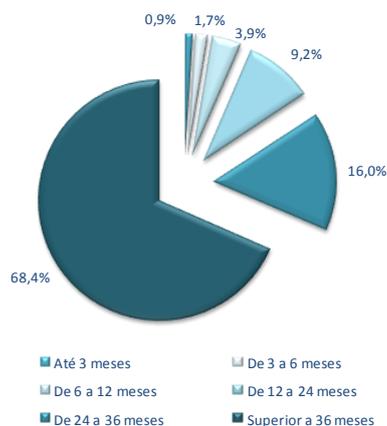


Figura 6 – Composição do crédito vencido por classes

RELATÓRIO DISCIPLINA DE MERCADO

relacionadas (“*single name concentration risk*” ou “grandes riscos”);

- Exposições significativas a grupos de contrapartes cuja probabilidade de entrarem em incumprimento resulta de fatores subjacentes comuns, como a região geográfica e o sector económico;
- Exposições de crédito indiretas resultantes da aplicação das técnicas de redução de risco (exposição a um tipo de garantia ou proteção de crédito fornecida por uma contraparte).

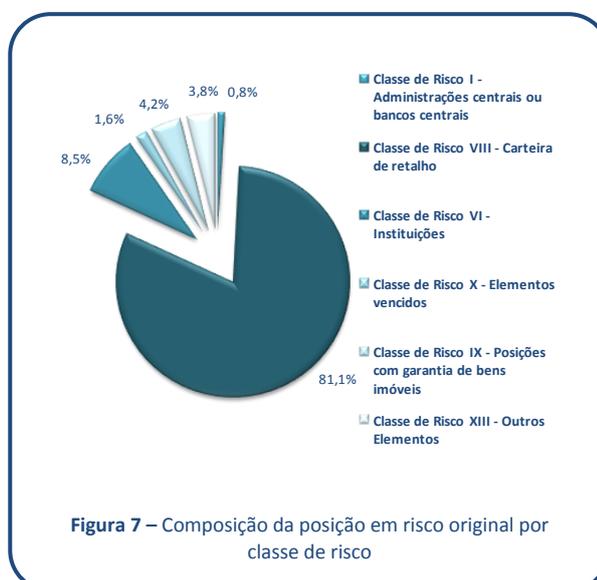
As análises efetuadas são refletidas no relatório de risco de concentração enviado anualmente ao Banco de Portugal, e onde é possível verificar que a exposição ao risco de concentração está de acordo com a estratégia da sociedade.

6. Risco de crédito – método padrão

A sociedade calcula os requisitos mínimos de fundos próprios, de acordo com o método padrão. Conforme previsto nos Art.ºs 10.º a 13.º do Decreto-Lei n.º 104/2007⁴ de 3 de abril, as posições da carteira são distribuídas segundo as várias classes de risco, tipo de exposição e ponderadores de risco, tal como decorre da Parte 2, do Anexo III ao Aviso n.º 5/2007⁵.

De acordo com esta metodologia, a avaliação do risco a que a sociedade está exposta é feita pela análise das suas posições em risco que são depois segmentadas por classes de risco e calibradas por um conjunto de ponderadores pré-definidos pela entidade de supervisora (baseado em recomendações do acordo de Basileia).

Na Figura 7, é possível verificar que a classe de risco VIII - Carteira de retalho contempla o maior volume de posições em risco, representando 81,1% do total das posições em risco na sociedade. As restantes posições enquadram-se nas classes de risco VI – Instituições (depósitos bancários e contragarantia recebida do FCGM), IX – Posições com garantia de bens imóveis, XIII – Outros elementos, X – Elementos vencidos e I - Administrações centrais ou bancos centrais.



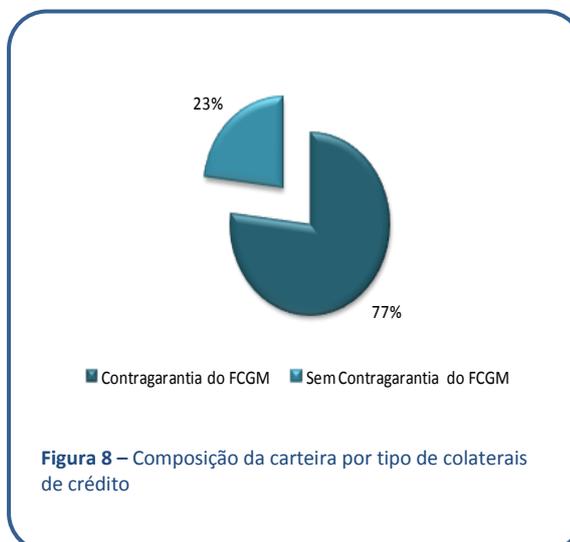
4 Alterado pelo Decreto-Lei n.º 140-A/2010

5 Alterado pelo Aviso n.º 94/2013

7. Técnicas de redução do risco de crédito

De acordo com os melhores princípios de gestão de risco, a Garval utiliza técnicas de mitigação de risco, salvaguardando em parte incumprimentos futuros. Entre as ferramentas de mitigação do risco de crédito, as mais importantes encontram-se ao nível da contragarantia do FCGM, garantias pessoais e garantias reais.

A contragarantia prestada pelo FCGM tem o efeito de substituição de crédito, o que significa que ocorre uma transferência do risco associado à exposição original. No final de 2015, o Fundo de Contragarantia Mútuo cobria 77% da carteira de garantias da sociedade.



8. Risco operacional

A Garval calcula os requisitos de fundos próprios, para cobertura de risco operacional pelo método do indicador básico. De acordo com este método, o requisito de fundos próprios para risco operacional é igual a 15% do indicador relevante, calculado como a média dos últimos três anos, relativo à soma de algumas das mais importantes rubricas contabilísticas como a margem líquida de juros e outras receitas.

Em 2015, os requisitos de fundos próprios totalizaram 1 388 milhares de euros.

<i>valores em milhares de euros</i>		
Método do indicador		
Básico		
Indicador	2013	9 966
Relevante	2014	9 407
	2015	8 396
Requisitos de Fundos Próprios		1 388

Figura 9 – Requisito de fundos próprios para risco operacional

A sociedade implementou em 2015 uma base de registo dos eventos de risco operacional, onde os próprios colaboradores podem inserir potenciais falhas nos processos internos, pessoais e sistemas. Estes registos são depois analisados pelo departamento de gestão de riscos, permitindo assim suportar os seus processos internos de identificação atempadamente de indícios de eventos de riscos operacional.

9. Análise de sensibilidade dos requisitos de capital

A realização de testes de esforço (*stress tests*) tem como objetivo mensurar o impacto de choques, adversos mas plausíveis nas condições financeiras na sociedade, tendo em conta os vários riscos a que se encontra exposta.

Foram alvo de testes de esforço os tipos de riscos a que a sociedade se encontra exposta, nomeadamente, risco de crédito, operacional, *compliance*, liquidez, reputação, sistemas de informação e estratégia.

A Garval efetua os testes de esforço em cumprimento da Instrução n.º 32/2009⁶ do Banco de Portugal. Estes testes constituem uma importante ferramenta de avaliação da exposição ao risco da atividade da sociedade, quando exposta a mudanças severas, mas plausíveis no enquadramento da mesma.

A metodologia de cálculo do risco de crédito, no âmbito dos testes de esforço, implica a definição dos impactos das variáveis que afetam a instituição tendo em conta a envolvente interna e externa, procedendo-se posteriormente à efetiva realização dos testes.

Em cada evento são analisados os fatores de mitigação, que correspondem ao efeito decorrente dos mecanismos de controlo interno da sociedade. Em cada teste aos eventos são selecionadas as rubricas contabilísticas relevantes, para o evento em questão, de acordo com os fatores de risco considerados. A determinação quantitativa das perdas esperadas é efetuada com a atribuição de uma percentagem de impacto a cada rubrica contabilística considerada relevante para o risco em causa, salvo se for especificado no teste. A frequência de realização dos testes de esforço é, no mínimo, semestral. Importa salientar que as simulações realizadas não produziram efeitos negativos significativos no rácio de solvabilidade e nos requisitos de fundos próprios demonstrando a robustez da sociedade.

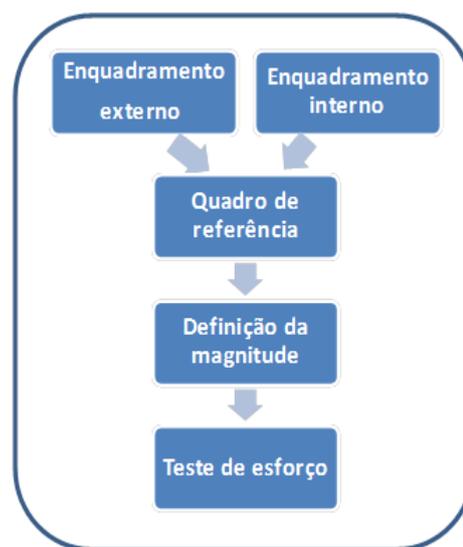


Figura 10 – Metodologia de risco de crédito



Figura 11 – Metodologia para os outros riscos

⁶ Atualizada pela Instrução n.º 4/2011

RELATÓRIO DISCIPLINA DE MERCADO

10. Anexos

10.1. Modelo adequação de capitais

RUBRICAS	Valores em Milhares de Euros	
	2015	2014
Fundos próprios totais para efeitos de solvabilidade	53 263	52 179
Fundos próprios totais para efeitos de solvabilidade (excluindo fundos próprios suplementares)	53 263	52 179
Fundos próprios de base	52 551	51 644
Capital elegível	49 359	49 684
Capital realizado	50 000	50 000
(-) Acções próprias	- 641	- 316
Reservas e Resultados elegíveis	3 552	2 323
Reservas	3 552	2 323
Resultados transitados de exercícios anteriores, reservas legais, estatutárias e outras formadas por resultados não distribuídos	3 555	2 323
Reservas de reavaliação líquidas de impostos	- 3	0
Resultados (positivos ou negativos) do último exercício e resultados (positivos ou negativos) provisórios do exercício em curso, quando não certificados	209	1 232
(-) Outros elementos dedutíveis aos fundos próprios de base	- 360	- 363
(-) Imobilizações incorpóreas/Activos intangíveis	- 38	- 33
(-) Outros activos intangíveis/Imobilizações incorpóreas	- 38	- 33
(-) Outros elementos dedutíveis aos fundos próprios de base	- 322	- 330
Impostos diferidos activos não aceites como elemento positivo dos fundos próprios de base (61)	- 322	- 330
(-) Impostos diferidos activos associados a PRGC	- 322	- 330
Fundos próprios complementares	845	652
Fundos próprios complementares - Upper Tier 2	845	652
Provisões para riscos gerais de crédito	845	652
Por memória: Fundos próprios de referência para efeito dos limites relativos a participações inferiores ou iguais a 10% do capital	5 340	5 230
Fundos próprios de base totais para efeitos de solvabilidade	52 551	51 644
Fundos próprios complementares totais para efeitos de solvabilidade	845	652
(-) Deduções aos fundos próprios totais	- 133	- 117
Por memória: Fundos próprios de referência para efeito dos limites relativos aos excedentes dedutíveis I	53 396	52 296
Por memória: Fundos próprios de referência para efeito dos limites relativos aos excedentes dedutíveis II	53 396	52 296
(-) Excedentes dedutíveis II	- 133	- 117
Outras deduções aos fundos próprios totais	-	-
Por memória:		
Fundos próprios de referência para efeito dos limites relativos aos grandes riscos	53 263	52 179
Core Tier 1	52 551	51 644
Rácio Core Tier 1 (%)	18,2%	19,6%

RELATÓRIO DISCIPLINA DE MERCADO

RUBRICAS	Valores em Milhares de Euros	
	2015	2014
Requisitos de fundos próprios	23 065	21 059
Requisitos de fundos próprios para risco de crédito, risco de crédito de contraparte e transacções incompletas	21 676	19 533
Método Padrão	21 676	19 533
Classes de risco no Método Padrão excluindo posições de titularização	21 725	19 598
Instituições	12 721	11 118
Empresas	-	-
Carteira de retalho	7 689	7 024
Posições garantidas por bens imóveis	123	117
Elementos vencidos	20	23
Outros elementos	1 173	1 316
(-) Provisões para risco gerais de crédito	- 612	- 815
Requisitos de fundos próprios para risco operacional	1 388	1 526
Método do Indicador Básico	1 388	1 526
Por memória:		
Excesso (+) / Insuficiência (-) de fundos próprios, antes de requisitos transitórios de fundos próprios ou outros requisitos de fundos próprios	30 198	31 120
Rácio de Solvabilidade (%), antes de requisitos transitórios de fundos próprios e outros requisitos de fundos próprios	18,5%	19,8%
Excesso (+) / Insuficiência (-) de fundos próprios	30 198	31 120
Rácio de Solvabilidade (%)	18,5%	19,8%

Nota: Foram retirados os valores nulos

10.2. Modelo distribuição geográfica das posições em risco

	Valores em Milhares de Euros			
	2015		2014	
	Posições em Risco Original	Posições em Risco Original (%)	Posições em Risco Original	Posições em Risco Original (%)
Leiria	210 703	33,90%	185 633	31,52%
Santarém	123 108	19,81%	117 976	20,03%
Outros	105 254	16,93%	114 113	19,38%
Coimbra	99 220	15,96%	93 200	15,83%
Ilhas dos Açores	37 935	6,10%	37 927	6,44%
Castelo Branco	35 473	5,71%	29 990	5,09%
Portalegre	9 833	1,58%	10 041	1,71%
Total	621 525	100,00%	588 880	100,00%

RELATÓRIO DISCIPLINA DE MERCADO

10.3. Modelo distribuição sectorial das posições em risco

	Valores em Milhares de Euros			
	2015		2014	
	Posições em Risco Original	Posições em Risco Original (%)	Posições em Risco Original	Posições em Risco Original (%)
C - Industrias Transformadoras	206 406	33,21%	196 352	33,34%
F - Construção	72 128	11,60%	70 739	12,01%
G - Comércio por grosso e a retalho	189 878	30,55%	171 107	29,06%
Outros	153 113	24,64%	150 682	25,59%
Total	621 525	100,00%	588 880	100,00%

10.4. Modelo repartição das posições em risco vencidas e objeto de imparidade

CAE	Valores em Milhares de Euros					
	2015			2014		
	Posições em risco vencidas	Posições em risco de imparidade	Correções de valor e provisões	Posições em risco vencidas	Posições em risco de imparidade	Correções de valor e provisões
A - Agricultura, produção Animal e Caça	18	2	19	18		18
C - Industrias Transformadoras	9 403	5 369	12 460	8 632	4 974	12 037
F - Construção	6 696	7 133	11 167	6 239	5 663	10 331
G - Comercio por Grosso e Retalho	9 381	3 446	11 150	8 739	3 881	10 594
H - Transportes e armazenamento	838	115	905	799	186	934
I - Alojamento, Restauração e similares	2 345	1 211	2 948	2 099	1 331	2 976
J - Actividades de Informação e de comunicação	434	335	686	124	275	347
K - Actividades Financeiras e de Seguros	244	48	273	209	42	231
L - Actividades Imobiliárias	162	134	220	163	111	251
M - Actividades de Consultadoria, científicas	483	390	671	441	305	630
N - Actividades Administrativas e dos Serviços de Apoio	735	392	850	658	355	780
Outros CAE's	1 206	1 193	1 955	531	1 706	1 711
Total	31 944	19 769	43 304	28 651	18 828	40 841

RELATÓRIO DISCIPLINA DE MERCADO

Valores em Milhares de Euros

Região	2015			2014		
	Posições em risco vencidas	Posições em risco de imparidade	Correções de valor e provisões	Posições em risco vencidas	Posições em risco de imparidade	Correções de valor e provisões
Aveiro	970	294	1 152	846	457	1 133
Braga	969	264	1 171	971	195	1 114
Castelo Branco	2 099	1 252	3 003	2 039	1 241	2 910
Coimbra	3 151	3 438	4 979	2 886	2 983	4 664
Ilha de São Miguel	632	176	719	625	190	705
Leiria	8 220	6 282	11 973	7 422	5 274	11 400
Lisboa	3 302	1 046	4 027	3 006	1 307	3 875
Porto	2 295	1 413	2 870	2 124	1 194	2 658
Santarém	7 788	4 268	10 238	6 749	4 623	9 563
Viseu	597	59	629	418	124	493
Outras Regiões	1 922	1 276	2 543	1 565	1 240	2 326
Total	31 944	19 769	43 304	28 651	18 828	40 841

10.5. Modelo correções de valor e provisões

valores em milhares de euros

		Correção valores associados ao crédito vencido	Provisões para riscos de crédito	Para garantias	Para outros riscos e encargos	Total
2015	Saldo Inicial	28 415	1 467	12 426	1 813	44 121
	Reforços	5 320	542	3 678	2 324	11 864
	Utilizações	25	-	-	-	25
	Anulações / Reposições	2 015	555	4 495	-	7 065
	Saldo Final	31 695	1 455	11 609	4 137	48 896
2014	Saldo Inicial	24 690	1 531	11 992	1 749	39 961
	Reforços	6 744	445	5 126	64	12 379
	Utilizações	1	-	-	-	1
	Anulações / Reposições	3 018	509	4 692	-	8 219
	Saldo Final	28 415	1 467	12 426	1 813	44 121

RELATÓRIO DISCIPLINA DE MERCADO

10.6. Modelo posições em risco

valores em milhares de euros

Classe de Risco	Posição em risco original 2015	Posição em risco original 2014	Posição em risco média (2015)	Posição em risco média (2014)
Classe de Risco I - Administrações centrais ou bancos centrais	6 075	5 315	5 695	5 829
Classe de Risco VI - Instituições	64 259	62 153	63 206	60 506
Classe de Risco VIII - Carteira de retalho	612 929	581 457	597 193	594 983
Classe de Risco IX - Posições com garantia de bens imóveis	12 407	12 206	12 307	18 428
Classe de Risco X - Elementos vencidos	31 655	28 430	30 042	21 825
Classe de Risco XIII - Outros Elementos	28 421	32 001	30 211	31 648
Total	755 745	721 562	738 653	733 219

10.7. Provisões constituídas por classe de crédito vencido

Valores em Milhares de Euros

	Crédito Elegível	Provisão Existente
Até 3 meses	289	255
De 3 a 6 meses	531	503
De 6 a 12 meses	1 232	1 120
De 12 a 24 meses	2 938	2 871
De 24 a 36 meses	5 102	5 093
Superior a 36 meses	21 852	21 853
Total	31 944	31 695

RELATÓRIO DISCIPLINA DE MERCADO

10.8. Modelo prazo de vencimento residual

	VR < 1 ano	1 ano < VR < 5 anos	5 anos < VR < 10 anos	VR > 10 anos
2014	6,21%	62,15%	24,32%	7,32%
2015	6,33%	56,87%	30,80%	5,99%

Nota: Apesar de alguns contratos serem de prazo renovável, foi assumido o prazo de vencimento residual a 31 de dezembro de 2015.

10.9. Modelo método padrão

Valores em milhares de Euros

		Ponderadores de Risco								Total
		0%	10%	20%	35%	50%	75%	100%	150%	
Posição em Risco Original por classe de Risco	I	6 075	-	-	-	-	-	-	-	6 075
	VIII	-	-	-	-	-	612 929	-	-	612 929
	VI	-	-	1 552	-	-	-	62 049	658	64 259
	X	-	-	-	-	-	-	30 600	1 055	31 655
	IX	-	-	-	3 320	5 536	3 550	-	-	12 407
	XIII	4	-	-	-	26 626	1 791	-	-	28 421
	Total de Posições em Risco Original									
		6 079	-	1 552	3 320	32 162	618 270	92 648	1 713	755 745
Posição em Risco por classe de Risco (base de incidência dos ponderadores)	I	6 075	-	-	-	-	-	-	-	6 075
	VIII	-	-	-	-	-	128 150	-	-	128 150
	VI	-	-	479 878	-	-	-	62 049	658	542 585
	X	-	-	-	-	-	-	139	77	215
	IX	-	-	-	765	1 209	882	-	-	2 856
	XIII	4	-	-	-	26 626	1 791	-	-	28 421
	Total de Posições ponderadas pelo Risco									
		6 079	-	479 878	765	27 835	130 824	62 187	734	708 302
Total das Posições Ponderadas pelo Risco		-	-	95 976	268	13 917	98 118	62 187	1 102	271 568
Deduções aos Fundos próprios										-
Requisitos de Fundos Próprios por classe de Risco	I	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	VIII	-	-	-	-	-	7 689	-	-	7 689
	VI	-	-	7 678	-	-	-	4 964	79	12 721
	X	-	-	-	-	-	-	11	9	20
	IX	-	-	-	21	48	53	-	-	123
	XIII	-	-	-	-	1 065	107	-	-	1 173
	Total de Posições em Risco									
		-	-	7 678	21	1 113	7 849	4 975	88	21 725

RELATÓRIO DISCIPLINA DE MERCADO

10.10. Modelo técnicas de redução do risco de crédito – método padrão

Decomposição do total das posições por classe de risco	Posição em risco líquida	Efeito de substituição na posição em risco (líquido de saída e entradas)	valores em milhares de euros	
			Proteção pessoal do Crédito: Valor da proteção totalmente ajustado (GA)	Derivados de Crédito
Classe Risco I - Administrações centrais ou bancos centrais	6 075	6 075	-	-
Classe Risco VI - Instituições	64 259	542 585	-	-
Classe Risco VIII - Carteira de retalho	596 959	128 150	468 809	-
Classe Risco IX - Posições com Garantia de bens imóveis	12 374	2 856	9 517	-
Classe Risco X - Elementos vencidos	215	215	-	-
Classe Risco XIII - Outros elementos	28 421	28 421	-	-
Total das Posições	708 302	708 302	478 326	-